

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO , RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO - 16 DE NOVEMBRO DE 1862.

N. 28

## O PACAJÁ.

Visto o *Chronista* do « Argos » não ter querido aceitar o nosso desafio de nos mostrar onde existe a immoralidade nos artigos *Pedro e seu amo* e de ter fugido da mesma questão por nós apresentada ; somente apresentando-se com subterfugios e sofismas , mostrando assim não ter consciencia do que dizia, declaramos pois que não nos merece nenhuma attenção e que não o daremos mais resposta.

Poderá o *Chronista* continuar com suas *massadas* a nós dirigidas, e diser tudo quanto quiser por que não ligamos nenhuma importancia á suas *licções*, por que ellas não são filhas senão do despeito e talvez do costume de atassalhar a tudo afim de celebrar-se, por um meio tão ridiculo.

Somos crianças , bem disse o *nobre Chronista* , porem ao menos mostramos que temos mais senso que o mesmo *Chronista*, pois não fomos nós o mulor dessas rixas que entre o *Pacajá* e o *nobre escritor* de *chronicas* tem havido. Admiramos que campando-se de *sensato* o *Chronista* , tenha-se mettido a bulla com as *crianças* e com o *moleque Pedro* , desmentindo-se, assim perante o publico a quem o *Chronista* deve algumas attensões e acatamento.

Repitimos mais uma vez : —o *nobre Chronista* , pode diser tudo quanto lhe aprouver , por que nós felizmente ou vaidosamente achamos nos sobranceiros a estas *ninharias* proprias de um tal *Chronista* , como é nosso censor.

As crianças terão bastantes energia para calcar aos pés, para pisar com os tacões de suas botas, essas miserias, essas vilezas, esses despeitos do *Chronista* ; terão animo de misgalhar a cabeça dessa sordida serpente que pertende lançar sua noventa e venenosa peçonha.

Graças a recente presidencia do Exc. Snr. Commendador Joao Francisco de Souza Coutinho de ter tomado a acertada medida de mu-

dar de sitio a Capitania do Porto, para o lugar de Santa Barba, ella já pode no Domingo á tarde ministrar soccorros a diversas embarcações que hão á costa, em consequencia do grande pampeiro de sul que nesse dia cahio. Não podemos deixar passar sem louvor, o patrão-mor da mesma o Snr. Manuel Ignacio Mendes pela actividade e prontidão com que soccorreu a essas embarcações de que fallamos; sendo bem secundadas neste louvavel empenho pelo Snr. José de Souza Cunha patrão do mesmo arsenal.

A redacção deste periodico louva ao Exc. Sr. Vice Presidente, por ter em tão breve tempo acertado com essa necessidade tão palpitante.

## Pedro e seu amo.

*Bom soir, nhonhô et mes amis.* Mas que tem vme. q' tanto riem-se? Não riem-se que o caso é serio. Talvez achem-me mais *gamenho* ou mais *bonitinho*? ou será do meu comprimento á franceza? Se tal é, não devem fazer caso porque *hoje* tudo anda a *franceza*: até eu mesmo. Porem contudo ahi ha entre vós, quem seja *trez vezes* mais *francez* do q' eu.



--Como assim Pedro?

--A *francezia* hoje abunda *in totum*. Ha, nhonho, entre esses que agora riem-se de me verem aqui curvado com todo o respeito com o chapéo na mão, e o riso nos meus labios *roxos* deixando á mostra a minha alva dentuça q' sobresahe na cor *arroxada* de minhas jinjives, e que agora correspondem com muitas *festas e rizo*s

aos meus cumprimentos, e logo na despedida depois de apertarem-me a mão como um signal de *amizade*, vão *roeuem-me na pelle* e criticar de minha *pessoa*, como um perfeito homem de *bem*.

--D'esses ha muitos, Pedro.

--Por essa razão mesmo é que não devem admirar-se, se eu os tratar á *franceza*. Oh! nhonho, de minh'alma, não vá algum francez me ouvir e depois o pobre do Pedro ter de ver-se em *tallas*.

--Não ha duvida, Pedro, podes fallar com toda franqueza e sem susto, pois quem não quizer ouvir que tape os ouvidos.

--Acho razão, nhonho, eu tambem penso assim mas ha esses cri...ti...cos *hum!-hum!*... são da *bréca*. Não se pôde, nhonho, dizer-se uma *palavrinha* que elles não tomem logo *entre dentes*, e depois nos arremessão pedras como á um cão damnado.

--E' ter-se paciencia, Pedro, e levar-se a cruz ao calvario.

--E' o que fasso, nhonho.

--Dize-me, lêste a *chronica* de sabbado?

--Lê, sim senhor.

--E o que dizes a respeito?

--A respeito do *respeitivo*, colijo que toda a implicancia comigo, é de me verem sempre estampado no jornalsinho que nhonho escreve, e a minha cor parece causar-lhe alguma repugnancia, ou alguma emoção partida da consciencia do nosso *critico*; pois faz-me isso lembrar dos gallos que quando ao ver outro, arripião as penas, e entezão a crista; pois talvez que haja bastante relação entre mim ou entre minha côr e a do meu censor q' tanto se tem emcommodado com a minha *pessoa* desde que tive o praser de apresentar-me ao publico.

Geralmente, nhonho, quando somos feios, não gostamos de ver nossa *caricatura* por ahi espalhada, e quando a vimos sempre temos um sobresalto. E' pois, nhonho, o que eu tenho coligido.

--Ha de ser; quasi que posso alliancarte que tens razão.

--Eu, nhonho, tinha uma *certa* cousinha a contar-lhe...mas...

--Então o que é, Pedro?

--Ah! nhonho, eu não posso dizer, por que tenho muito medo do *Chronista* e por isso enquanto elle mecher conosco não devo dizer.

--Pois digo-te, Pedro, que não te encommodes com essas cousas, deixal-o fallar até quando quizer, pois algum dia, cançará.

--E' o que eu farei, nhonho. Deixarei esse *gaiato* quem quer que seja, representar o papel do cão ladrando alua, e passo a responder-lhe com quatro versos da bella satyra de Bocage á Elmiro:

Satyras prestão, satyras se estimão

Quando n'ellas calumnia o fel não verte,

Quando voz de censor, não voz de zoilo,

O vicio nota, o merito gradúa.

é dou ampla permissão para o *guapo* Chronista dizer tudo de minha *pessoa* até cançar

--Mas, Pedro o que sabes de novo?

--Nada, nhonho, nada inteiramente nada. Não tenho metido meu *nariz* em certos negocios que ha por ahi, por andar muito *desgostoso* com essas *conchamblanças* que tem havido, e ter muito medo do *phisico* como dis o nosso amigo *Todavia*, rapaz que presa a boa ordem, e ainda mais o commodo que diz Deus ter concedido ao genero humano, e alem disso eu não ando seu receio, visto estar a meaçado por tantos *galfarios*, enconsequencia de ter vistido a *camisa de onse varas* depois de, ver-me metido em *calças pardas* o que tudo concorre muito para eu ficar em *papo d'aranha*: e por isso deixamos de *graças*.

--Foste ao espectaculo no dia 8, Pedro?

--Fui, sim senhor; nada houve de novidade que valha communicar-se a não ser o bom desempenho de todos que derão-nos o praser de nos entreter algumas horas. Demorei-me algum tanto, no botiquim e da mesma maneira sahi a respeito de novidades--antes assim. Lá *conservei a existenci*acom um bocado do *Porto velho*, precioso neclar, e depois de chuchar alguns, pasteis, pão-de-lot, & retirei-me com algumas ballas de estallos para a placteia e ajudei aos meninos a dar seus *estalinhos* afim de tornar a festa mais bella.

--Devertiste a grande : muito estimo.

--Queria, nhonhô, meter-me a fallar agora só em *politica* visto o *politico* do Chronista não dar licença que eu falle de outras cousas .

--Não concedo , Pedro.

--Porque nhonhô ?

--Porque não quero.

--Pois , nhonho, fará mal diser que graças ao *progresso de caraquejo* de nossos *celeberimos* e muito *amados pais da patria* estamos em um estado deploravel ? que a pobre mulher *D. Reccita* essa desgraçada mãe de familia está sendo maltratada pelo algoz de seu marido o *Dr. Despeza* que com sua força hercúlea e seu rancor infernal atiga-lhe com seu enorme *maço* que chamão *creditos suplementares*? fará mal, nhonho, dizer que, esse rochunchudo homem chamado *Colonisação* dorme a somno solto encostado a seu pobre escravo apellido *Commercio*, que eu vejo atado a um grosso tronco e com as mãos atraz ? fará mal, nhonhô, dizer que vejo o nosso amigo *Lavrura* sempre encostado a um carro vasio, com os braços encruzados como quem não tem que faser ? que vejo estirada morta a *D. Industria* essa mulher sovina que nenhum beneficio tem prestado por que mal lhe dão para o pão ? fará mal, nhonhô, finalmente dizer que . . . .

--Basta ! . . . basta . . . moleque ! calla essa boca ! olha os criticos, moleque !

--É verdade, nhonho, nem mas me lembrava de semelhante *gentinha* e por isso callo-me já, prometendo-lhe que para outra vez virei mais munido de novidades.

Pois continúo a espisar tudo quanto poder, seu attender aos gritos do *pai vobis* do *Chronista*.

*Pedro e seu amo.*

## AURORA.

**A Juvencio Duarte Silva.**

A manham ! a manha ! eil-a que surge,  
C'o rosto acceso em vivido rubor ;  
Como innocente virgem escutando  
Pela primeira vez fallas de amor,

Silva Ferraz.

Eis que surge a *aurora* bafejada pelo zephiro matutino !

Ei-la que surge, com as faces brilhantes de puro rubor, semelhante a uma virgem no seu despertar !

Ei-la que surge cheia d'esperanças e de vida, para horas depois ouvir o som plangente da Ave Maria dizer-lhe--morrestes !

Ei-la que rasga o negro véo que a encobre ! Como é bello agora o céu ! Ainda vejo uma estrellinha com sua luz amortecida !

Tudo é mudez ! mas eis que a mudez é quebrada pelos sonoros cantares do mavioso sabiá, semelhante a um hymno, em lovor da *aurora* que o veio despertar !

Canta, oh ! ave feliceira, que eu escuto a tua celeste harmonia !

§

Ah ! eis que se extingua a ultima estrela que ainda erreva no céu de azul selim.

Como a aurora surge radiante ! Oh ! eu te saúdo mocidade do dia !

Como o vento é brando, e suspira suas magoas nos seios das flores, que mais que nunca exhalão perfumes tão inebriantes ! . . .

Oh ! como és bella e me fazes esquecer os dissabores da vida !

Bem vinda sejas tu !

§

Alli vejo uma rosa, a desabrochar, como um amor em começo...toco-a com os dedos e ella deixa cahir suas folhas !

Como és delicada oh ! flor !

Seria talvez pelo segredo que aquella borboleta te contou quando te beijava ?

Talvez que sejam ciumes daquella rosa rubicunda que alli sorri ! Não tenhas !... eu tambem te amo !

Não creias na borboleta ardilosa pois não é verdade o que ella te disse.

Ella não te ama . . . não vês florinha mimosa que ha pouco ella te beijou jurando--te amor, e agora lá está cochichando com outra flor, e assim vai embriagando-se, bebendo o delicioso mel com que a madrugada orvalhou tambem as tuas rivâes ? El la não ama ; não tem amores, e como largou as tuas mimosas folhas vai o mesmo imitando com as outras e fazendo a todas, como a ti, morrer d'amores.

§

*Aurora*, eu te saúdo ainda uma vez,  
por que é em teu assomar, que os encantos  
da natureza se mostram mais luxuriosos!  
*Tavijú.*

NO ALBUM

DE FIRMINO DUARTE SILVA

Quando ha so no peito saudade e dores  
Descrença amarga de um soffrer insano  
Quando o futuro ja nos mostra triste  
Borrasca negra d'um fatal engano  
Quando a agra fébre do desalento  
Nos mostra a perca d'um futuro inteiro  
Que pode o vate dizer nos cantos  
Quem deve um canto lhe pedir fagueiro?

E' triste a sina de quem chora e canta  
O mundo ri-se e lhe escarnece as dores  
Chama-lhe covarde, e lhe dis mentira,...  
E' um triste louco a fallar de amores.  
Não tenho contas a ninguem e dou,  
Do pobre a sina não ha saber ninguem  
Que importa o mundo meu verer tão triste  
Soffrer é um crime, e o chorar tambem,

*Leonel.*

Este jovem poeta morreu poucos mezes  
depois de escrever esta poesia. Foi a ultima  
corda partida da sua harpa.

A decifração do Enyigma Pittoresco publicado no n. 25 é-o assassino só tem descanço nas mãos de justiça.

# ANNUNCIO.

N. 2 A      LARGO DE PALACIO      N. 2 A

**O abaixo assignado participa ao respeitavel publico que acaba de receber pelo vapor Brasil um rico sortimento de fasendas, as quaes são as seguintes :**

Capas de nobreza preta de fetio de mangas.  
Dittas » » » sem mangas.  
Manteletes de nobreza preta bordadas.  
Chales modernos a maranbique.  
Vestidos de linho bordados para baptizado  
Filó preto lizo de algodão.  
Ditto » de salpico.  
Peitos para camizas.  
Setim de cores diverças.  
Lenços de cambraia bordados para mão.  
Ditos » seda sortidos em cores.  
Cortes de vestidos de lã e seda modernos  
Tiras bordadas de cambraia.  
Saias á balão de gaiola.  
Dittas de morecelina com 14 arcos.  
Cortes de vestidos de seda preta barrados  
com babados.  
Ditos » » » » de cores abroche  
de ultima moda.  
Sedas de cores floridas para vestidos.  
Zuavos de morecelina branca.  
Dittos » popolina de cores.  
Cambraia de linho emfestada finissima.  
Um lindo sortimento de morecelinas france-

zas de cores.  
Um dito » » chita em cassa.  
Um dito » » » morim largas.  
Saias de cordão.  
Alpaca preta de diverças qualidades.  
Cortes de casemira francezes de cores.  
Dittos » brim de linho » »  
Brim de linho em pessa.  
Belbutina preta e de cores.  
Pano preto fino francez.  
Ditto » regular.  
Ditto azul fino.  
Casemira preta fina franceza.  
Ditta » regular.  
Caseneta de lam sortidas em cores.  
Gravatas de seda pretas e de cores.  
Setineta branca fina.  
Um rico sortimento de perfumarias e  
outras mais fazendas de lei tudo isto  
vende-se por comodo preço.

Desterro 1º Outubro de 1862.

*Antonio Zerega.*